

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**Edinara Scheffer Costa**

**A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**Três Cachoeiras  
2010**

**Edinara Scheffer Costa**

**A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Comissão de Graduação do  
Curso de Pedagogia – Modalidade a  
Distância da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial e obrigatório para  
obtenção do Título de Licenciatura em  
Pedagogia à Distância.

**Orientador:**

**Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira**

**Tutor:**

**Me. Andrea Bonetti Gallego**

**Três Cachoeiras  
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na  
modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane  
Soares Carvalho

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos os profissionais docentes, que empenham seu tempo com esperança e carinho, acreditam e lutam por uma educação cada vez mais justa e democrática.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a esta Universidade de ter disponibilizado este curso nesta modalidade, proporcionando assim meu ingresso, e ao meu professor e orientador Nilton, de ter me apoiado e orientado durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço também a meus amigos pelas aprendizagens e momentos de alegria, a meu marido Jucimar pela sua paciência, à minha família, especialmente meus pais que proporcionaram a base e persistência de nunca desistir e por hoje estar tendo a honra de concluir este curso.

## RESUMO

O presente trabalho tem como foco central a importância da reflexão na formação de professores. Estuda inicialmente sobre a formação de professores para compreender sobre a existência da reflexão na prática educativa. Para esclarecer estas questões buscou-se o embasamento teórico de Freire, Tardiff, Durant, Therrien e Loiola. O principal objetivo do estudo foi esclarecer a importância da reflexão na formação do professor. Os estudos apoiaram-se na realização da prática pedagógica do estágio, desenvolvida com uma turma de terceiro ano, com alunos entre oito e nove anos, de uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Três Cachoeiras, e conseqüentemente nos registros decorrentes das reflexões diárias no diário de classe e semanais no portfólio de aprendizagens. Concluindo-se a partir daí, através da relação teórica e prática, a extrema importância que a reflexão desempenha na formação de professores e as implicações da mesma sobre a prática pedagógica.

**Palavras chave:** Formação. Professores. Reflexão.

COSTA, Edinara Scheffer. A importância da reflexão na formação de professores. 2010

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
2.1 Formação docente: exigências e saberes necessários à prática educativa .....	10
2.2 A reflexão docente e suas implicações na prática pedagógica .....	17
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>22</b>
3.1 A procura de evidências na prática educativa do estágio .....	22
<b>4. ANÁLISE DO MATERIAL</b> .....	<b>25</b>
4.1 As implicações da reflexão a partir da prática docente do estágio.....	25
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>35</b>
<b>7. ANEXOS</b> .....	<b>36</b>
7.1 Anexo A.....	37

## 1. INTRODUÇÃO

O assunto abordado ao longo desse Trabalho de Conclusão de Curso surgiu durante a prática pedagógica do estágio, um dos requisitos parciais e obrigatórios para a conclusão deste curso de Pedagogia.

A abordagem nele apresentada está embasada teoricamente na leitura do livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* de Paulo Freire, e nos artigos: de Maurice Tardif, *O trabalho docente, a pedagogia e o ensino*; de Lidiane Marques Durant, *Formação de professores/educadores: um olhar a partir de Paulo Freire*; e de Jacques Therrien e Francisco Antônio Loiola, *Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente*.

Além destes, a utilização do material empírico disposto nos registros reflexivos e comentários diários do *Diário de Classe*, e também nas reflexões semanais postadas no blog do *Portfólio de Aprendizagens*.

A escolha do livro de Paulo Freire se fez pela profunda reflexão otimista e crítica que este faz sobre a questão da formação docente ao lado da reflexão crítica sobre a prática educativa, progressista e democrática em favor da autonomia dos educandos. Da mesma forma, os registros proporcionaram a visão dos acontecimentos na medida em que foram ocorrendo e complementando através da prática as teorias abordadas.

Inicialmente convido-os a realizar a leitura e pensar sobre o importante papel que assumimos enquanto educadores, sobre as exigências da formação docente e o que precisamos contemplar quando assumimos a posição de educadores liberais e ao mesmo tempo problemáticos, responsáveis e abertos a novas situações, considerando a função social e ideológica que a educação assume. Em seguida fazendo uma analogia destes saberes juntamente com a



relação que os mesmos desempenham na reflexão, faz-se necessário analisar qual a função desempenhada da reflexão sobre o fazer, apontando as implicações desta na elaboração de novas práticas pedagógicas.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Formação docente: exigências e saberes necessários à prática educativa**

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* nos propõe no início da leitura que sejamos ao longo de toda ela leitores críticos e que por ventura se em algum momento acharmos que suas concepções são demasiado sonhadoras e longe de ser realizadas, que tenhamos a sensatez de que enquanto leitores e observadores temos o direito de errar, mas jamais de ver as coisas ao nosso redor com o nosso olhar e unanimizá-lo como verdadeiro.

Ao longo da leitura realizada Paulo Freire estabeleceu vinte e sete saberes como exigências a prática educativa. Destes vinte e sete saberes, aqui trataremos deles não individualmente, mas por semelhança no que dizem respeito à abordagem e a ligação a que se referem.

Partindo de uma visão progressista na educação, que real ou não, é a que se deseja que enquanto educadores e educadoras exercemos, iniciemos não necessariamente por um saber intitulado entre um desses vinte e sete, mas ao meu ponto de vista tão importante quanto eles e que representa com clareza esta visão da prática pedagógica, o de que: “Ensinar não é transferir conhecimento.” (FREIRE, 1996, p. 21)

Trazendo as considerações que Tardif (2003) nos faz sobre a educação, de que: “O ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre as pessoas.” (p. 5), diferentemente de qualquer outro setor de trabalho, na educação o objeto e o objetivo que queremos

alcançar são relativos à aprendizagem de seres humanos, e, acrescentando com as palavras de Freire (1996): “Onde há vida, há o inacabamento.” (p. 22), sabemos que transferir conhecimento é uma ação inaceitável e impossível de acontecer.

Se somos seres vivos, sabemos que somos seres em construção, em constante aprendizado. A aprendizagem ocorre nas relações sociais, e a educação por se tratar de uma constante relação interpessoal, não se diferencia em nada disso. Enquanto educadores não somos capazes apenas de transferir algo há alguém, pode até acontecer, mas considerando a educação como democrática não é o que se deseja. Nessa relação existe a troca de experiências e de aprendizagens. Diferentemente da indústria que lidamos com objetos materiais precisos, na educação o objeto em questão é o aluno, um objeto ativo e capaz de produzir e resistir à relação.

Resistência que aqui se fala, trata-se da bagagem que o educando traz que o torna ou deveria torná-lo resistente a transmissão. Dentre alguns saberes já mencionados a apreensão da realidade, o reconhecimento e o respeito à realidade e a identidade do educando são também algumas exigências na prática educativa.

Ainda refletindo sobre Freire (1996), tanto o aluno como a educação, não são nem devem assim se apresentar, na neutralidade das relações. O respeito aos conhecimentos dos educandos é um requisito na relação de ensino-aprendizagem da prática pedagógica progressista, assim como a não transferência de conhecimentos e da mesma forma o reconhecimento à realidade do aluno.

A realidade que se apresentam aos nossos alunos é tão diversificada quanto à de nós mesmos enquanto educadores. A assunção pessoal que devemos ter deve ser tão grande ou maior a que devemos assumir à de nossos alunos, pois tanto um quanto o outro apresentam experiências históricas, culturais, políticas e sociais diferentes, e talvez únicas na individualidade que apresentamos. Esse confronto de experiências tem de ser reconhecido e

valorizado, e repensado quantas vezes for necessário na elaboração de estratégias que oportunizem a aprendizagem.

Therrien e Loiola (2001) fazem uma consideração sobre a promoção de estratégias que vão ao encontro das palavras apresentadas na pedagogia crítica de Freire (1996), desta forma:

Ergonomia é a “análise do trabalho”: a descrição e a explicação da atividade humana, no trabalho, ou seja, na atividade concreta, no próprio terreno. Trata-se de uma análise que se desenvolve levando em conta uma grande variedade de variáveis dinâmicas de natureza física, social, institucional e política. (p. 150)

Esta análise aborda a condição real em que nossos educandos se apresentam e que deve ser considerado pelo educador. Quando o aprendizado parte de algo que já fez ou ainda faz parte de nossa realidade, a compreensão dos fatos e a própria função das estratégias na elaboração cognitiva individual e na transformação e construção de novos conhecimentos resulta em um aprendizado mais objetivo e significativo.

A elaboração destas estratégias exige do educador pesquisa. A busca incessante que o move, o inquieta e que o insere novamente na busca. “Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação de outra curiosidade” (FREIRE, 1996, p. 33). O educador que em sua prática promove diversas estratégias de ensino para que ocorra a construção de conhecimento, só as consegue se tiver como um de seus saberes a curiosidade ativa, é preciso que esteja sempre em busca de novos conhecimentos, preparando e instigando-se, para assim poder despertar a curiosidade em seus educandos, pois segundo Freire (1996) “... sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino.” (p.33).

Para Freire (1996) a mesma exigência sobre a curiosidade do educador, sobre a pesquisa em sua prática o torna um educador preparado, seguro de si.

Este educador que está sempre preocupado em promover a curiosidade dos alunos e a sua própria, também mantém uma preocupação constante com sua formação. A profissão docente assim como tantas outras profissões, exige do educador o aperfeiçoamento constante, exige que ele esteja sempre estudando e se esforçando para estar apto a desempenhar o seu papel com ética e responsabilidade.

Esta busca pelo aperfeiçoamento, que o torna um profissional competente e seguro de si mesmo, junto e frente aos seus alunos, o define como um professor que desempenha a autoridade em favor da liberdade.

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. (FREIRE, 1996, p.36.)

Para ele, diferentemente do professor que demonstra insegurança, que facilmente perde seu domínio e recorre ao autoritarismo para impor ordem e disciplina, o professor que possui competência e a demonstra em suas atitudes aos educandos, tem a autoridade naturalmente a seu favor. Além da competência, a humildade e a generosidade do educador elevam sua autoridade e estima junto aos alunos.

Algo que não pode ser esquecido é o fato de que alguns professores mesmo bem preparados, mas sem competência, desqualificam e não sabem utilizar a autoridade a seu favor e acabam recorrendo ao autoritarismo. A autoridade que valoriza a liberdade dos educandos, jamais confunde a liberdade com espontaneísmo, e também por vezes “[...] os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima de autoridade.” (FREIRE, 1996, p.41)

Se competência, humildade e generosidade são expressões que elevam a autoridade docente, são elas também fundamentais a ética profissional que devemos ter diante de nós mesmos e de nossos alunos. Assumirmo-nos

eticamente é desempenhar nosso papel com garra, luta e consciência de que muitas vezes inusitadamente nos defrontamos com situações em que temos de decidir por enfrentar as dificuldades que as mudanças nos causarão, ou simplesmente nos deixar na mesmice da qual já estamos acostumados. Ou ainda, “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer correto.” (FREIRE, 1996, p.16 ).

A ética docente abrange toda a postura e tomada de decisões necessárias a uma prática educativa crítica e progressista. Haverá situações que mesmo diante das regras pré-estabelecidas poderemos optar pela mudança, por justiça e igualdade dos direitos, sem ferir ou prejudicar ninguém.

Em defesa desses direitos e ideais deve ficar claro a todos os envolvidos nessa corrente, ou seja, a escola como um todo, sendo ela educandos e educadores, pais e demais interessados pelos esforços e objetivos nela tratados, que a luta pela valorização e respeito aos educadores e a educação, inclui entre outros que “[...] a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito [...]” (FREIRE, 1996, p. 27). O mesmo respeito e reconhecimento que devemos aos nossos educandos, também é um dos direitos que temos enquanto educadores.

Nesse sentido vale ressaltar, que para Freire (1996), se fizemos uso da coerência entre palavras e atitudes, se por vezes nos propomos a pensar certo, mesmo que esse pensar não fosse tão certo assim, se tivemos a humildade em assumir um erro diante dos educandos e nos permitir encontrar a solução para o mesmo, se conseguimos expor o quão difícil é a tarefa de decidir, optar por uma decisão a que muitos são contrários e assumir em consequência disto seu erro, não há com que se preocupar sobre a assunção de compromissos e deveres que aqui se fala.

O comprometimento do educador com os educandos exige na postura do professor atitudes verdadeiras e reveladoras de si mesmo. Não há como estar na educação ausente do momento que ali se faz. Como Freire (1996) nos coloca a

educação é um momento único a ser vivido e experienciado pelo educador e educandos, não temos como negá-lo e deixar de vivê-lo naquele instante, a curiosidade despertada em nossos alunos ocorre quando bem quiser, sem hora nem data marcada.

Sobre as idéias do autor, podemos entender que é necessário contar com o bom senso e o bem querer aos educandos. A explosão de falas, gestos e atitudes desencadeadas em um momento rico da ação pedagógica, despertam tanto no educador como nos educandos a afetividade e a cumplicidade necessárias para a verdadeira demonstração da educação democrática de que tanto se fala.

Esse momento único e diferente de todos os outros nos põe a prova e a mostra dos educandos. Nesse espaço também temos que aproveitar para saber expor e lidar com a ideologia dominante presente que se insinua em busca de uma educação cada vez mais neutra. Na relação entre educandos e educadores também devemos ser críticos a ponto de utilizar essas idéias como subsídio para a mudança.

Freire (1996) nos faz pensar que estar em sintonia com os educandos e eles com o educador não quer dizer ser tolerante e aceitar tudo, mas saber tolerar quando necessário. O bem querer e o bom senso que devemos assumir com os educandos nos orientam quando algumas situações onde regras são sobrepostas à realidade de nossos alunos precisam ser consideradas. Isso também não quer dizer que tenhamos de gostar de todos os educandos da mesma forma, pois aí estaríamos sendo falsos e nos contradizendo com o discurso de coerência entre atitudes e palavras.

Mas como saber se devo ou não tomar essa atitude a favor ou contrária a meu educando?

A explicação e até mesmo a resposta para esse questionamento podem vir através de uma pequena palavra, mas com uma intensidade muito grande: o diálogo, pois se estivermos sendo coerentes com a idéia progressista de uma

educação que se faz na participação, na troca, na doação, no entendimento e na compreensão, estamos dando a demonstração de que sabemos ouvir e falar na hora e momento exatos.

Ainda discutindo sobre as idéias de Freire (1996), saber escutar o educando demanda tanta sabedoria quanto falar a ele. Quando vamos falar algo, geralmente estamos com nosso pensamento organizado de forma que enquanto falamos estejamos sendo claros aos nossos ouvintes, nessa situação estamos trabalhando nossos conhecimentos e elaborando-os através da fala para que possam ser compreendidos pelos que estão a nossa volta. Já quando ouvimos e principalmente quando questionados precisamos além de reestruturar nosso pensamento buscar nosso entendimento e transformá-lo em fala. Isso demonstra o quanto é difícil para muitos educadores dar espaço a curiosidade do educando e despertá-lo para a autonomia.

Da mesma forma quando estamos abrindo espaço para que o educando se reconheça, se desperte para a vida, para a realidade, para a função social que desempenha dentro da sociedade, pois a educação muito mais até do que o próprio grupo familiar, possui uma grande e importante parcela de responsabilidade na formação social, estamos abrindo espaço para um campo tão importante como o próprio de que estamos falando, a visão política e ideológica a que estamos submetidos.

Uma exigência aos educadores que em sua proposta pedagógica tem por objetivo a libertação de idéias e não a neutralidade das mesmas será utilizar as ideologias dominantes como ponto de partida para as mudanças necessárias que valorizem as classes menos favorecidas diante desses ideais e utopias. Segundo Freire (1996) a educação não é apenas um meio onde educandos e educadores estudam e aprendem apenas sobre conteúdos, a educação permite que o educador através de sua coerência entre palavras e ações mostre aos educandos do que se trata a ética, do que ela é capaz e como se faz presente em nossas ações.



Ainda assim, na posição de educadores problemáticos e conscientes que somos, devemos estar abertos a ideologia que está presente, “[...] é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, [...]” (FREIRE, 1996. p.50), é fazer uso dessas ideologias para criticamente explorar junto com os educandos a severidade e humilhação que muitas delas nos expõem, é saber fazer uso dessa sabedoria e manter sempre viva e desperta a alegria e a esperança de que no início dessa leitura Freire (1996) nos propôs.

“A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, 1996, p. 29). É a partir destas palavras que encerramos esse capítulo, e que também a partir delas saibamos que nada pode contra a nossa esperança e alegria, a nossa luta crítica e consciente da ideologia a que estamos expostos e até mesmo submetidos, mas que também conscientemente temos esperança e sabemos que podemos modificá-la, incansáveis e relutantes em busca de transformação.

## **2.2 A reflexão docente e suas implicações na prática pedagógica**

Aos leitores mais atentos deve ter ficado a pergunta sobre um dos saberes não mencionado até aqui, ou melhor, até citado, mas não explorado, o que diz respeito integralmente ao corpo deste trabalho. Este saber trata especificamente da exigência da reflexão sobre a prática pedagógica.

O que quero mencionar é que tudo que vimos e falamos até o momento sobre as exigências necessárias para a prática educativa na relação entre docentes e discentes, pois não há como falarmos de educação, de práticas pedagógicas sem considerar que a mesma existe unicamente da relação entre eles, que compõe o objeto a que cabe a reflexão.

Como citado brevemente no capítulo anterior deste trabalho sobre a ergonomia docente, acredito ser importante dar início a esta parte do trabalho partindo desta definição que segundo a colocação de Therrien e Loiola (2001), baseados nas colocações de alguns autores, definem que: “[...] a Ergonomia é a disciplina que se preocupa com a reestruturação do trabalho, buscando conciliar a atividade produtiva à vida” (p. 149). E ainda: “[...] o ensino é uma “situação situada”, ou seja, uma atividade complexa cujo objetivo é a adaptação a uma situação.” (p. 150).

A ergonomia, assim, segundo esses autores mantém o mesmo objetivo que para Freire (1996) é considerado como a reflexão crítica sobre a prática, ou seja, sobre a “*situação situada*”. Trata-se do movimento constante entre a dinâmica do fazer e do pensar sobre o fazer. Partindo desse pressuposto podemos compreender as colocações anteriormente feitas sobre os saberes necessários à prática educativa, então nos coloquemos a analisar a implicação desses resultados na reflexão sobre a prática pedagógica.

Como vimos anteriormente a educação segundo Freire (1996), mais precisamente o educador em sua formação deve atender a diversas exigências necessárias para a concretização de uma prática pedagógica democrática e autônoma. Quando falamos em democracia na educação muito mais do que estarmos abertos a participação dos educandos, devemos estar abertos a compreensão da realidade dos mesmos para, a partir daí, darmos sentido ao que a democratização do ensino exige: a aquisição de autonomia por parte dos educandos.

A abertura do educador, segundo Therrien e Loiola (2001), à realidade, ou seja, a compreensão do mesmo sobre o ensino como uma “*situação situada*” onde há a necessidade da criação de estratégias de sua parte que promovam e adaptem-se a “*situação*”, à realidade em que o educando está inserido, é uma exigência necessária e propícia a construção de conhecimentos e aprendizagens.

Se analisarmos, ou melhor, se a prática ocorrer seguindo essa linha de pensamento e ação, ainda assim estará incompleta. Além da abertura, para a apreensão da realidade do educando, considerando que esta envolve grandes

variáveis no âmbito institucional, social, físico e político, também se faz necessário a reflexão sobre esse momento, sobre a prática em si.

Freire (1996) nos propõe que o pensar certo é o impulso em que a reflexão crítica se funda. Pois se pensamos que pensamos certo, no fundo temos a implicância em estarmos sempre voltando atrás no pensar analisando-o criticamente e assumindo novas posições sobre este pensar. A mesma exigência dialética que a formação docente exige do professor com o educando, exige do educador sobre si mesmo e sobre sua prática.

O educador que se prepara, que se preocupa em estar apto e capaz de auxiliar os educandos sempre que sua atenção e conhecimentos forem exigidos, que se conhece tanto como conhece a seus alunos, que se deixa conhecer por eles e interessa-se em conhecer cada vez mais, consegue manter a dinâmica que a reflexão exige, a de investigar o contexto em sua totalidade.

Para compreendermos o real significado da reflexão, além de conscientemente conhecer a realidade dos educandos, existe um fator tão importante quanto ele, o emocional. Voltando nas considerações anteriores de que educador e educando são seres inacabados, e por isso, capazes de produzir a partir da relação, como nos propõe Freire (1996), esta envolve também aspectos emocionais e afetivos, que precisam ser considerados quando forem analisar a “situação”, como abordam Therrien e Loiola (2001).

O dicionário Aurélio traz uma explicação para reflexão que cabe muito bem aqui, segundo o mesmo, a reflexão é a “Modificação da direção de propagação de uma onda que incide sobre uma interface entre dois meios e retorna para o meio inicial” (p.468). O exemplo demonstrado aqui apresenta a reflexão que incide sobre a prática pedagógica (educador, educando e atividades educativas) e se volta novamente ao ponto inicial do ensino, o fazer a partir das experiências já realizadas. Esta análise do fazer pedagógico implica na reformulação e revisão das estratégias utilizadas, ou seja, na reestruturação do fazer pedagógico em face às reais necessidades dos educandos.

A reflexão diante da prática pedagógica deve se fazer presente tanto quanto os demais saberes necessários à prática educativa, além de ser um destes, possui o diferencial de englobar todos os saberes anteriormente citados.

Segundo as idéias de Therrien e Loiola (2001), a reflexão envolve consciência crítica do professor sobre o próprio trabalho desenvolvido, apontando falhas e acertos no decorrer da caminhada, envolve também aceitação de si mesmo frente aos educandos, pois de acordo com Freire (1996), o educador que não se assume, não se conhece suficientemente bem, não possui condições de fazê-las sobre os seus educandos, na verdade ele corre o risco de ao invés de analisar a situação, o processo, acabar fazendo um julgamento precipitado e errado sobre o educando.

A reflexão envolve também a exigência sobre a flexibilidade a mudanças, além de analisar, de perceber que as atividades A ou B não deram certo, que os educandos precisam mais do que uma atividade estimuladora, que precisam agir sobre a atividade, ou que a atividade que faz concentrar, que acalma é a que melhor se adapta, é preciso que o educador seja flexível e aberto a essas mudanças. Não adianta que o educador assuma uma posição analítica, reflexiva sobre a prática pedagógica em questão se ele não estiver aberto a essas questões.

Para que o educador esteja aberto a mudanças é preciso primeiro que ele se assuma como objeto da própria análise, ou seja, como citado no início desse capítulo refletindo o pensamento de Freire (1996) a prática pedagógica não trata apenas das práticas realizadas, mas também dos envolvidos nessa prática, educador e educandos. A assunção do educador como papel importante deste processo o torna apto ao crescimento, a aceitação da mudança, e quanto mais se torna consciente disto, mais próximo da mudança ele está.

Freire (1996) nos coloca que as palavras do educador devem estar tão próximas a sua prática, que possam por vezes se confundir com elas, e é nesse sentido que cabe ressaltar novamente o saber de que tão importante quanto a prática de que falamos é a prática que exercemos enquanto educadores.

Dentre todos os saberes necessários à prática educativa “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática.” (FREIRE, 1996, p. 18).

Da mesma forma como Freire (1996) nos coloca, não adianta que um educador esteja preparado, esteja sempre em constante aprendizado, possua um grande potencial, mas não ofereça oportunidades e liberdade para que os educandos desfrutem com liberdade desse conhecimento, na reflexão o processo é o mesmo. Uma prática pedagógica liberal que de espaço para que os educandos tenham liberdade e aprendam a partir dela, não vai possuir significado se estes não estiverem partindo do pensar sobre o fazer, pois este pensar vai ser o diferencial que dá sentido à prática.

Fundamentado nas palavras de Freire (1996) tracemos como exemplo para que numa educação com ideais progressistas, que durante a formação além de contemplar os vinte e seis saberes mencionados no capítulo anterior, que este último, consiga englobar e tornar significativos os demais, implicando através do pensar sobre o fazer a dimensão que a reflexão possui sobre a prática educativa.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 A procura de evidências na prática educativa do estágio**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da realização do Estágio Supervisionado em uma escola da rede Municipal de Ensino no município de Três Cachoeiras, tendo início no dia 12 de abril e término em 12 de junho de 2010 contemplando às 180 horas (nove semanas) exigidas, de acordo com o estabelecido no Parecer CNE/CP nº 028/2001 (ANEXO A), que estabelece as normas desta prática como requisito parcial e obrigatório para a conclusão dos cursos de licenciatura.

A escola na qual foi desenvolvida a prática pedagógica do Estágio foi escolhida pelo fato de no ano anterior ter sido ambiente de trabalho, e pelo fato de alunos e proposta educativa já serem de conhecimento pessoal, além de encontrar-se localizada num bairro próximo e da maioria dos alunos pertencerem a comunidades vizinhas a minha.

A escola iniciou o ano letivo com 439 alunos matriculados nos turnos da manhã e tarde, oferecendo Ensino Fundamental de 1º a 5º ano, turmas de 5ª a 8ª séries e pré-escolar para alunos de 5 anos de idade. Conta com uma equipe docente de 37 educadores formados em diversas áreas e 11 funcionários (secretária, bibliotecária, monitora de informática, merendeiras e serventes), uma psicóloga e uma nutricionista.

O Estágio Supervisionado foi desenvolvido com uma turma de terceiro ano, no turno da manhã, tendo como titular uma professora regente que esteve presente nas aulas durante todo o período. A turma era composta por 18 alunos, que tinham idade entre 8 e 9 anos.

O interesse em abordar este tema “A importância da reflexão na formação de professores” surgiu a partir da prática pedagógica do estágio.

O planejamento didático foi realizado em conjunto com uma colega estagiária do mesmo nível de ensino e da mesma escola, e após um destes encontros, logo na primeira semana de prática, embora desenvolvesse o diálogo sobre a realização das atividades desenvolvidas apontando os acertos e falhas cometidos, percebi que necessitava de um tempo só, para analisar o processo ocorrido durante as aulas desenvolvidas.

Este período de tempo, inicialmente era reservado para uma análise das atividades, das atitudes dos alunos frente a elas e ao educador, falhas cometidas, sobre o relacionamento entre alunos, aprendizagens, participação e entrosamento. Aos poucos foi tornando-se algo mais significativo e voltando-se para a análise do fazer pedagógico.

Entretanto, a necessidade da reflexão sobre o processo pedagógico ocorrido após cada aula foi tornando-se indispensável, a elaboração das aulas não acontecia sem que a anterior fosse analisada, ela servia como uma pré-formação, um requisito básico para a elaboração de novas estratégias, alcançando uma dimensão inseparável da prática, e sem que percebesse, estava elaborando as novas práticas a partir da análise sobre a prática já realizada.

Na medida em que foram estabelecidas ligações afetivas mais intensas entre educador e educandos, a percepção das reais necessidades dos educandos foram sendo ampliadas e cada vez mais impulsionando a criação de estratégias adequadas a complementação das mesmas.

Para dar andamento a este trabalho e contemplar o foco que o mesmo aborda, foram utilizados como embasamento teórico as leituras de três artigos e o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire. Além da utilização do material empírico disposto no Diário de Classe, que diariamente era registrado, apontando reflexões e acontecimentos ocorridos durante as aulas.

O material teórico trouxe as explicações sobre as realizações e práticas desenvolvidas durante o período em questão. Já a partir dos registros foram

percebidas a ligação existente entre a teoria expressa nas leituras e as modificações ocorridas após as reflexões desenvolvidas, dando ênfase ao título deste trabalho.



## **4. ANÁLISE DO MATERIAL**

### **4.1 As implicações da reflexão a partir da prática docente do estágio**

O tema abordado como foco central deste Trabalho de Conclusão de Curso desempenha também o que compete a esta parte do trabalho: analisar teoricamente através de reflexão a relação existente entre a teoria e a prática desenvolvidas durante o período em que ocorreu o estágio. Para isso serão utilizados os registros feitos no Portfólio de Aprendizagens, no Diário de Classe, mais precisamente após cada prática realizada e precedente das novas práticas e as abordagens teóricas e práticas anteriormente citadas nos capítulos dois e três deste trabalho.

Como falado já algumas vezes e como próprio Freire (1996) cita, as retomadas e repetições de dizeres ao longo deste trabalho, não tem o objetivo apenas de acrescentar palavras, mas sim, ampliar e valorizar a importância que as mesmas possuem no contexto em que são mencionadas, e desta forma inicio falando dos saberes de que tanto repetimos necessários à prática educativa.

No decorrer de todo o curso, e durante a trajetória de vida percorrida sempre mantive uma constante preocupação sobre os trabalhos e compromissos assumidos, e na profissão docente, mais precisamente nas oportunidades que tive de exercê-la, não foi diferente. Acredito que o foco deste trabalho tenha sido consequência desta preocupação, que se estendeu e ampliou durante o estágio.

Uma das questões problematizadoras levantou a curiosidade sobre a reflexão fazer parte da ação docente apenas de professores recém formados ou dos que já estão há algum tempo em exercício. Nesse sentido fundamentado no material teórico estudado, esta é uma das questões abordadas entre os vinte e

sete saberes necessários à prática educativa, o que diz respeito ao comprometimento e doação da profissão, a entrega do educador com a escola como um todo, com educandos, demais profissionais docentes e comunidade escolar. Como exemplo disto podemos ver o registro de uma reflexão, realizada no Blog do Portfólio, durante o período em que ocorreu o estágio:

Certas aflições que nos acometem quando se vão, parecem que foram tão tolas. Lembro-me como se fosse ontem o primeiro dia do estágio, uma ansiedade não sei bem do quê, mas ansiedade.... Agora quase na metade dele, minhas preocupações são outras, me preocupo com os alunos, suas aprendizagens, comigo, se estou conseguindo alcançar os meus objetivos.... Bem, vou indo, tenho me doado muito ao estágio e aos alunos, na preparação das aulas, dentro de sala de aula, à escola, acho que por isso tem passado tão rápido! (Blog do Portfólio)

Gostaria de deixar claro que nas vezes que se referiu ou for referido ao educador como profissional ou mais precisamente à profissão, que esteja definido como algo anteriormente já abordado como: a relação interpessoal, segundo Therrien e Loiola 2001, que a profissão docente exige e desempenha, diferentemente de outras profissões que quando se fala em profissional ou profissionalismo, aborda-se com maior ênfase a questão da competência sobre a matéria, na educação a relação é entre seres “inacabados”.

Quando há o comprometimento, o envolvimento entre educador e educandos a reflexão não é um mérito, uma necessidade ou um entusiasmo apenas de professores iniciantes, pelo contrário, na medida em que vai adquirindo-se experiência e cumplicidade com os educandos, até mesmo por meio da própria reflexão, esta se torna uma aliada à prática docente. Vejamos os exemplos a seguir:

A avaliação é realizada diariamente, mas hoje realizei as atividades de matemática com intuito de saber se poderia iniciar o trabalho com Unidade de Milhar, ou necessitaria aprofundar e rever os conteúdos até o momento explorados. (Diário de Classe)

[...] na medida em que as atividades estão sendo aplicadas estou conseguindo perceber as dificuldades e habilidades dos alunos. Diante dessa percepção estou repensando formas de atender a todos, fazendo com que aqueles com dificuldades a superem-nas e os demais avancem sem prejuízos. (Blog do Portfólio)

Principalmente nas séries iniciais onde a avaliação não é feita através de notas, mas sim da análise do conjunto das atividades educativas, a reflexão torna-se indispensável à prática. De forma alguma se pretende justificar a ausência da mesma nas séries finais, pelo contrário considera-se tão importante independente do nível escolar em questão. Como exemplo disto trago o registro acima para demonstrar tal importância.

Enquanto educadores sabemos o tempo que a elaboração do planejamento didático envolve, desde a escolha do material adequado as necessidades dos alunos, a adaptação dos conteúdos pré-estabelecidos a realidade dos mesmos, a organização, a pesquisa, e ao preparo do educador para auxiliar os educandos. Da mesma forma os minutos reservados a reflexão de todo o conjunto da prática anterior e que precede a próxima prática podem e fazem a diferença nessa organização.

Semanalmente ou quinzenalmente os alunos produzem textos sobre suas aprendizagens para postagem no blog. Quando encerramos os estudos sobre município pedi que em duplas produzissem um texto, a professora regente me sugeriu que fosse coletivo, pois eles não conseguiriam descrever o que eu gostaria, mas como a escrita seria de suas aprendizagens achei que não seria tão difícil assim, e mantive o desafio, ao final ela ficou impressionada com o que haviam escrito, ao seu jeito, mas como tinham aprendido. (Blog do Portfólio)

Os alunos levaram bastante tempo para produzir o texto, que no geral foi bem estruturado segundo a professora regente. Devido ao tempo utilizado não realizei as atividades de ortografia. (Diário de Classe)

A reflexão não pode estar separada do fazer docente diário do educador. Se em sala de aula estivesse ausente, ou desligada do momento único em que preciosos acontecimentos ou descobertas aconteceram, para os alheios à situação, talvez aquele momento não passasse de uma aula praticamente inteira em vão, insignificante, enquanto para educandos e educador, a construção contínua de aprendizagens se apresentou.

Alguns pequenos detalhes, se desconsiderados, podem fazer toda a diferença na formação docente do educador. Além da reflexão sobre as

aprendizagens, a reflexão sobre a inquietação dos alunos, segundo Freire (1996) a liberdade a que foram privilegiados em exercer, também ali não deixou de ser percebida.

Considero que antes de tomar conhecimento através das leituras, por vezes me senti como o jovem professor que Freire (1996) menciona como exemplo: “Disse, constrangido, ter se oposto a que o aluno de outra classe continuasse na porta entreaberta de sua sala, a manter uma conversa gesticulada com uma das alunas.” (p. 40), diferenciando autoridade e autoritarismo. Existem situações como a deste exemplo e a citação do Diário de Classe anterior, em que há a dúvida sobre a liberdade dos alunos. Dar a oportunidade para que trocassem idéias, experiências e se ajudassem, por vezes causava tumulto, mas através de resultados como o mostrado, a liberdade se sobrepõe ao autoritarismo, como podemos ver também no exemplo a seguir:

A exploração dos mapas foi bem divertida para os alunos, eles visualizaram os estados e cidades de origem dos colegas, encontraram nosso município, mas ficaram muito admirados com a atividade das caixas, eles não conseguiram perceber durante a visualização dos mapas que o nosso município fazia parte de um espaço ainda maior o estado, país e o mundo. Foi uma pena que em função da homenagem às mães, e da confecção das lembranças e ensaio geral, não conseguimos visualizar o que estudamos nas fotos de satélite, que acredito seria uma forma de visualizar tudo o que foi visto e estudado nos mapas em um lugar, facilitando ainda mais a compreensão espacial deles. (Diário de Classe)

Entretanto, cabe mencionar aqui, a postura do professor diante da situação em questão e a relação entre um dos saberes a postura do educador, decidindo sobre o fato.

Gostei muito da atividade onde os alunos desenharam o trajeto percorrido diariamente de casa até a escola e da localização de suas casas no mapa do município. Percebi durante o desenvolvimento da atividade que eles “espiavam” os desenhos dos colegas, então os convidei a apresentarem a turma o trajeto percorrido, representado no desenho. Todos participaram com entusiasmo. (Diário de Classe)

Nas citações feitas até aqui podemos perceber como a atitude decisiva por parte do educador merece reconhecimento. Uma por parte da atitude em dar espaço e tempo para a continuidade da atividade, mesmo sabendo que a mesma estava envolvendo um tempo maior do que o normal, mas que justificado posteriormente. E outra por aceitar as diferenças cognitivas apresentadas pelos alunos no decorrer das atividades e também por modificar a estrutura do planejamento visto a necessidade que os alunos apresentaram.

Nesse ponto mais uma das questões problematizadoras que nortearam a execução deste trabalho se apresenta: a de que a prática reflexiva traz modificações na postura do professor diante dos alunos.

Sabemos que na formação docente há uma exigência do educador quanto ao respeito, a discriminação, a aceitação a diversidade cultural, social e ideológica em que os educandos se apresentam. No entanto sabemos o quanto é difícil conciliar essa diversidade sem menosprezar ou valorizar alguém.

O fato que se apresenta sobre a preocupação em atender igualmente, os educandos que apresentam mais dificuldades e os mais habilidosos sem prejuízos, demonstra esta preocupação.

Por um lado penso que se estou preocupada talvez seja um bom sinal, sinal de que não estou acomodada e quero fazer melhor, mas por outro sei o quanto tem sido difícil de certa forma fazer diferente, mudar o que já está pronto e habituado.

Tudo o que vimos nos projetos de aprendizagem principalmente de se abordar os conteúdos na medida em que os alunos forem sentindo necessidade e curiosidade, é bastante complicado quando se têm de todos os lados várias cobranças... Às vezes me sinto até perdida no meio de tanto bombardeio, imagino como se sentem então os alunos!

Iniciei um levantamento com os alunos sobre o que gostariam de descobrir sobre o nosso município, e tenho tentado sempre saber antes o que os alunos já sabem e o que gostariam de saber, mas por alguns momentos vejo que eles não entendem o porquê do meu interesse em querer saber o que os interessa, para eles acho que essa nova proposta de trabalho tem sido um tanto estranha.

Espero conseguir fazer diferente e melhor, durante o período que estiver com eles! (Blog do Portfólio)

Apresenta-se também a aceitação à mudança, uma das implicações mais favoráveis a ascensão da reflexão na prática pedagógica. Um educador preparado, reflexivo, crítico, mas inacessível a mudança, apresenta-se igualmente a um educador que não se utiliza da reflexão como aliada a prática educativa. A abertura a mudança é tão importante quanto estar aberto à reflexão. Na realidade ambas precisam caminhar juntas.

A mesma abertura a mudança, deve ser frente à aceitação a realidade do aluno. Por muitas vezes foram necessárias tomadas de decisões e por diversas vezes também o professor precisou ter a postura decisiva e optar pelo certo, mesmo que por hora possa parecer não tão certo assim, mas que valorizasse a diversidade da turma. Vejamos os exemplos sobre a abertura à realidade dos alunos, feitos nos registros do Diário de Classe:

A discussão sobre a vida dos índios atualmente foi muito interessante, todos os alunos demonstraram interesse em participar e dizer o que sabiam a respeito, principalmente sobre os índios da comunidade assentada próxima a Torres. Também senti maior facilidade da turma em responder as questões de interpretação do texto, em relação à semana passada. (Diário de Classe)

A apresentação dos cartazes pelos alunos aos colegas foi muito importante do meu ponto de vista. Tentei proporcionar ao restante da turma que assistia as apresentações uma oportunidade de troca de aprendizagens, onde as dificuldades são as mesmas, e foi o que aconteceu. Percebi que houve grande entusiasmo na turma em realizar a atividade, talvez também, por ser a primeira vez e que as explicações dos colegas foram esclarecedoras. (Diário de Classe)

Essa postura implica na existência do conhecimento de si mesmo. Para que o professor possa atender a diversidade dos alunos, o mesmo precisa conhecer bem aos seus educandos e a si mesmo.

Como vimos anteriormente o conhecimento e a aceitação, favorecem na busca do professor pelo conhecimento, pela pesquisa, em favor da sua autoridade e a disposição a partir da própria consciência de conhecer e aceitar a realidade dos educandos como ela é.

É a partir da realidade do aluno que o educador precisa encontrar e elaborar meios que favoreçam a aprendizagem dos menos habilidosos e

encontrar estratégias que contemplem sem prejudicar a descoberta também dos mais favorecidos. Sem a cumplicidade, sem a confiança do educando pelo educador dificilmente serão alcançados o conhecimento necessário sobre essa realidade. Da qual se baseia a construção de conhecimentos e as aprendizagens dos alunos.

Essa semana já havia sido uma semana de indagações e reflexões a cerca do trabalho docente. Vinha me perguntando se realmente estava conseguindo cumprir o meu papel de proporcionar, impulsionar os alunos a chegarem ao aprendizado, embora um pouco delimitado dentro dos conteúdos trabalhados.

Hoje após a leitura do texto de Madalena Freire, “Educando o olhar da observação - Aprendizagem do olhar”, que o professor Nilton propôs, estou ainda mais apreensiva e reflexiva quanto a minha prática. “Por um lado penso que se estou preocupada talvez seja um bom sinal, sinal de não estou acomodada e quero fazer melhor, mas por outro sei o quanto tem sido difícil de certa forma fazer diferente, mudar o que já estava “pronto” e habituado. (Blog do Portfólio)

A postura consciente sobre o trabalho que está sendo desenvolvido demonstra também a capacidade que o educador precisa desempenhar. Como sabemos nem sempre ir contra algo que já é de costume adotado por demais educadores e pela escola é uma decisão fácil. Mais ainda quando esta se trata de uma postura crítica e progressiva sobre o fazer pedagógico, voltado à valorização da participação e necessidade dos alunos.

Mas por outro lado sabemos também que a ética profissional nos permite alcançar esses objetivos sem menosprezar ninguém. Do mesmo modo que por vezes o educador precisa saber lidar e sobrepor as necessidades e curiosidades dos educandos, abrir espaço para o diálogo, saber ouvir e falar com eles como mostra a citação seguinte:

Durante as leituras das produções textuais surgiram novas discussões a respeito dos costumes deixados pelos imigrantes que colonizaram nosso município, então abri um espaço para que pudessem conversar e esclarecer ainda algumas curiosidades. (Diário de Classe)

Momentos de diálogo, em que o educador disponibiliza a fala do aluno e fala com ele também são momentos que oportunizam o conhecimento sobre o educando, a compreensão sobre o aluno, a cumplicidade entre eles, além de oportunizar a aprendizagem, de favorecer na reflexão sobre possíveis falhas cometidas na sua prática ou nas estratégias abordadas anteriormente, como no caso citado, em que aponta ainda curiosidades sobre um tema abordado, no momento ainda não finalizado, mas que continua a despertar novas curiosidades nos educandos.

As abordagens feitas até o momento mostraram as respostas encontradas para algumas das problematizações elencadas como foco deste trabalho através das leituras realizadas, mas ainda restou a questão sobre a existência ou não de diferenças entre uma prática pedagógica acompanhada da reflexão ou livre dela.

Para esse aspecto, também fundamentado nestas leituras, o que se percebe sobre a prática acompanhada da reflexão pode ser percebido com a comprovação através de um dos registros feitos no Portfólio de Aprendizagens sobre o acompanhamento do professor sobre os alunos:

Semanalmente ou quinzenalmente os alunos produzem textos sobre suas aprendizagens para postagem no blog. Quando encerramos os estudos sobre município pedi que em duplas produzissem um texto, a professora regente me sugeriu que fosse coletivo, pois eles não conseguiriam descrever o que eu gostaria, mas como a escrita seria de suas aprendizagens achei que não seria tão difícil assim, e mantive o desafio, ao final ela ficou impressionada com o que haviam escrito, ao seu jeito, mas como tinham aprendido! (Blog do Portfólio)

Esta é uma demonstração a partir de duas visões da prática pedagógica: uma reflexiva e outra não. Como mencionei no capítulo três deste trabalho, a turma foi assumida para a efetivação do estágio, mas sempre manteve o acompanhamento constante por parte da professora titular que sempre esteve presente nas aulas.



O que podemos perceber através deste registro é a visão alheia a reflexão sobre a prática, embora tenhamos que considerar que talvez pelo fato de a professora titular não estar realizando as atividades elaboradas pudesse apresentar-se um pouco a parte da situação, mas acredita-se, com base na assunção dos educandos após o término do estágio, que a mesma deveria estar atenta ao crescimento e aprendizagens dos alunos, considerando que posteriormente isso teria de ser de seu conhecimento para a continuação do trabalho, não justificando de certa forma a sua ausência nesse sentido. E por outro lado o acompanhamento contínuo da turma, pela professora estagiária, por meio de reflexões registradas ou não nos Diário de Classe e Portfólio de Aprendizagens, favorecendo este conhecimento.

Um aspecto não mencionado até aqui sobre a reflexão, mas também de grande valia é relativo a forma como essa reflexão acontece. Como vimos as reflexões aqui abordadas foram todas registradas diariamente no Diário de Classe juntamente com as realizadas semanalmente no Portfólio de Aprendizagens, o que não impede de serem realizadas outras além destas. Pois se consideram também de grande valor as análises feitas em sala de aula, que não oferecem registros e as praticadas durante a elaboração do planejamento das próximas práticas, que independentemente de retomar as registradas podem apontar outras, que no momento do registro passaram por alto, mas que foram lembradas ali. Desta forma fica evidente a importância que a reflexão aliada a prática educativa diária possui, desempenhando um papel fundamental na educação e aliando teorias a realidade e acessibilidade dos alunos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu compreender a importância da reflexão na formação de professores. Para isso foram realizadas leituras que pudessem contemplar os saberes necessários à formação docente e possíveis implicações dos mesmos sobre a reflexão crítica.

Contudo o que se descobriu a partir de Freire (1996) foi que além de apresentar uma visão crítica e progressista da educação, há a exigência não menos do que de vinte e sete saberes necessários à prática educativa e que entre eles encontra-se a reflexão crítica sobre a prática.

Reflexão esta, que além de incidir sobre a prática já realizada oferecendo subsídios e implicações para a próxima prática, envolve todos os demais vinte e seis saberes como aliados a sua existência, transformando-os inseparáveis em busca de uma prática educativa democrática.

Diante disso entre as questões problematizadoras que nortearam o início deste trabalho conclui-se que a reflexão modifica a postura do professor diante do aluno, transforma a próxima prática docente a partir do pensar sobre o fazer, faz parte da prática docente de professores recém formados e também dos há mais tempo em exercício e ainda diferencia-se da prática sem esta postura. Estas confirmações puderam ser percebidas e comprovadas através de registros realizados no Diário de Classe, no Portfólio de Aprendizagens e nas reflexões realizadas durante as aulas que não tiveram registro escrito, mas que se fizeram presentes na elaboração dos planejamentos didáticos embasados nas reflexões registradas e que por hora ressurgiram, sendo descritas ao longo de todo este trabalho.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Edinara Scheffer. **Portfólio de Aprendizagens**. Disponível em: <http://peadportfolio156848.blogspot.com/> Acesso em: 26 de setembro de 2010.

COSTA, Edinara Scheffer.. **Pbworks do Estágio**. Disponível em: <http://edinaraestagio.pbworks.com/> Acesso em: 26 de setembro de 2010.

DURANT, Lidiane Marques. **Formação de professores/educadores: um olhar a partir de Paulo Freire**. Biblioteca online UFRGS. Disponível em: <http://sabix.ufrgs.br/ALEPH/R3AS9RU2G69NK628L5IMPBYP1N8KB5VUP65E21XB21CKI1UT3Y-11848/file/start-0> Acesso em: 06 de setembro de 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Nova Edição**. 3ª Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente, a pedagogia e o ensino**. Cap. 3. p. 112 – 149. In Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramse/pead/textos/tardif.rtf> Acesso em: 09 de setembro de 2010.


THERRIEN, Jacques; LOIOLA, Francisco Antônio. **Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente**. *Educ. Soc.* [online]. 2001, vol.22, n.74, pp. 143-160. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a09v2274.pdf> Acesso em: 09 de setembro de 2010.

## 7. ANEXOS

## 7.1 Anexo A

Volume 1 Edição 1—Nov. 2009

**PEAD** **UFRGS**  
**FACED**



**INFORMANDO PEAD/UFRGS**

## ESTÁGIO : CARGA HORÁRIA E MODALIDADES

Os Estágios de Docência são atividades de ensino de caráter teórico-prático, obrigatórias à integralização dos cursos de licenciatura da UFRGS e compreendem um conjunto de atividades para a atuação como professor, envolvendo interação com a comunidade escolar; a compreensão da organização e do planejamento escolar; planejamento, execução e avaliação de atividades docentes, de acordo com a legislação vigente.

O Parecer CNE/CP nº 028/2001 estabelece que os cursos devem apresentar 300 horas dedicadas ao estágio supervisionado.

A carga horária destinada à dimensão teórica é de (120 horas), no qual a frequência mínima exigida do discente para o desenvolvimento das atividades é de 75%.

A carga horária destinada à dimensão prática — estágio supervisionado — corresponde a (180 horas).

A frequência exigida ao discente estagiário para dedicar-se à dimensão prática é de 100%.

Considerando os aspectos legais, o Estágio Curricular do Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura deverá ser realizado em estabelecimento de Ensino Básico, que poderá ser:

- \*em sua escola,
- \*em sala de aula,

\*ou em espaços educativos previamente autorizados pela COMBRAD/DEUAD

Com a previsão para:

- \*Docência de 0 a 5 anos ou;
- \*Docência de 6 a 10 anos ou;
- \*Docência na Educação para Jovens e Adultos ou;
- \*Docência em classes ou escolas que atendem FNEEL.

O que se considera como Estabelecimento de Ensino?

Para saber, observe se a instituição emite Currículo Escolar. Em caso positivo, é um estabelecimento de ensino

### A Legislação Rege

**RESOLUÇÃO Nº 31/2007 do CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, da UFRGS, aprova nos termos do Parecer nº 25/2007 da Comissão de Legislação e com as emendas aprovadas pelo Plenário:**

Art. 8º - O campo de estágio para a realização das atividades de docência é composto, preferencialmente, por escolas da rede pública de ensino, podendo, em situações de excepcional interesse acadêmico, a critério do conjunto de professores orientadores do Estágio de Docência da respectiva área de conhecimento, incluir espaços educativos alternativos.

§1º - Os espaços educativos referidos no caput devem contemplar a existência de vínculo institucional com a UFRGS, seja através de convênio, contrato, projeto, programa ou de outras modalidades de cooperação interinstitucional.

#### Para saber mais:

Parecer CNE/CP 28/2001

#### Esclarecimentos Especiais:

Caso seja necessário esclarecimentos adicionais referente ao assunto, envie sua dúvida para



naniréia@gmail.com